

# Coisas engalanadas, pessoas e processos turísticos: uma revisitação etnográfica de Flor da Rosa (Sul de Portugal)

---

*Ema Pires e Mafalda Salgueiro (ilustrações)*

---

Este texto explora dimensões visíveis do turístico na contemporaneidade do Sul de Portugal. Em concreto, usa-se a revisitação etnográfica para compreender processos de continuidade sociocultural e de mudança no espaço residencial de uma freguesia rural do Alentejo, Flor da Rosa, que nas últimas décadas tem vindo a ser apropriada pelo processo turístico. Partindo de etnografia realizada nesta localidade num intervalo temporal de duas décadas (1998-1999 e 2017-2018), demonstra-se como diferentes categorias de pessoas se apropriam processualmente dos espaços públicos da freguesia, assim como (re)desenham dimensões alternativas de desafios do turístico nas suas subjetividades contemporâneas. Metodologicamente, a investigação é ancorada em: (1) observação participante, entrevistas exploratórias e pesquisa documental; (2) como ferramenta interpretativa adicional, salienta-se ainda o uso do desenho.

**PALAVRAS-CHAVE:** turismo, património edificado, poder, Alentejo, revisita etnográfica.

**Beautified things, people and tourism processes: an ethnographic revisit of Flor da Rosa (southern Portugal)** ♦ This text explores visible dimensions of the touristic in contemporary southern Portugal. Specifically, we use the ethnographic revisit as a tool for understanding processes of continuity and change in the residential space of a rural parish of Alentejo, Flor da Rosa, which has been appropriated by tourism processes in the last few decades. Based on ethnography carried out in this locality over a temporal interval of two decades (1998-1999 and 2017-2018), we demonstrate how the categories of people have appropriated, processually, the public spaces of the parish, as well as how they have (re)designed alternative dimensions of tourism challenges into their contemporary subjectivities. Methodologically, the research is anchored in: (1) participant observation, exploratory interviews and documentary research; and (2) as an additional interpretative tool, drawing.

**KEYWORDS:** tourism, built heritage, power, Alentejo, ethnographic revisit.

---

PIRES, Ema (epires@uevora.pt) – Universidade de Évora, IHC-Cehfci-UÉ, Portugal  
SALGUEIRO, Mafalda (maf.salg@gmail.com) – investigadora independente

## PONTO DE PARTIDA

“Coisas engalanadas”, o título deste texto, conjuga dois termos de que me aproprio de outros autores: coisas (Ingold 2012), que são aqui usadas enquanto malhas de tecituras que ligam realidades múltiplas; o adjetivo engalanadas,<sup>1</sup> de uso corrente no Sul de Portugal para designar o processo de embelezamento, visualmente expressivo, de coisas materiais e também de seres vivos. Este artigo explora dimensões visíveis dos “desafios do turístico” na contemporaneidade do Sul de Portugal. O Sul de Portugal guarda alguns dos primeiros terrenos portugueses para uma antropologia crítica de processos de mudança social, turistificação e patrimonialização. Autores como Denise Lawrence (1979), Francisco Ramos (1996, 1997), Pedro Prista (2014, 1993) ou Carla Sousa (2005) fornecem alguns dos primeiros contributos para pensar antropologicamente os desafios da mudança social e dos processos de patrimonialização-turistificação no Sul de Portugal. Em 20 anos, o campo dos estudos antropológicos sobre turismo em Portugal internacionalizou-se e expandiu-se (Sampaio 2013). Nos interstícios desse desenvolvimento, um importante marco inicial aconteceu, em 1999, num congresso de antropólogos na Fundação Gulbenkian, em Lisboa, onde um painel de discussão sobre “turismo, mobilidades e consumo de lugares”, organizado por Maria Cardeira da Silva, produziu “outros trópicos” em 2004, contributo decisivo para problematizar os processos turísticos em perspetiva antropológica na academia portuguesa (Silva 2004).

O presente trabalho assume-se como uma revisitação etnográfica.<sup>2</sup> A análise que aqui realizo é, por isso, subsidiária de um vasto património científico acumulado sobre revisitações etnográficas (dentro e fora do campo disciplinar da antropologia), produzido por autores como Robert e Helen Lynd (1929, 1937), Raymond Firth (1936, 1959), George Foster (Foster *et al.* 1979), Derek Freeman (1983) ou Michael Burawoy (2003). No contexto da antropologia/etnografia produzida em Portugal, são relevantes os trabalhos de Manuela Ivone Cunha (2014) e Simão Mata e Luís Fernandes (2018). E no Sul de Portugal, são centrais as análises produzidas por Fabienne Wateau (2014) e Francisco Martins Ramos (1997). No contexto da revisitação que aqui faço, opero uma revisita pontuada<sup>3</sup>

1 O *Dicionário Priberam* classifica o adjetivo “engalanado” da seguinte forma: “ornado de gala; embandeirado”; o verbo “engalanar” refere-se a “ornar de gala; ornamentar; ataviar” (disponível em <www.priberam.pt>, última consulta em fevereiro de 2021).

2 Nas palavras de Burawoy: “Let me define my terms. An *ethnographic revisit* occurs when an ethnographer undertakes participant observation, that is, studying others in their space and time, with a view to comparing his or her site with the same one studied at an earlier point in time, whether by him or herself or by someone else. [...] A revisit must also be distinguished from an *ethnographic update*, which brings an earlier study up to the present but does not reengage it” (Burawoy 2003: 646).

3 Na aceção de Michael Burawoy, aqui corroborada: “I call the ‘punctuated revisit’, in which the *same* ethnographer conducts separated stints of field work in the same site over a number of years” (Burawoy 2003: 670).

ao terreno, agora com a colaboração de uma outra investigadora. Como *locus* de análise, revisito o espaço residencial de uma freguesia rural do Alentejo, que nas últimas décadas tem vindo a ser apropriada pelo processo turístico, e que estudei num outro lugar (Pires 2000).<sup>4</sup>

O objetivo deste texto é discutir processualmente os desafios do turismo nessa freguesia, através de uma análise ancorada no presente, mas que revisita, com ajuda de pesquisa documental, as duas últimas décadas (a análise remonta diacronicamente ao ano de 1997). Metodologicamente, a investigação é ancorada em observação participante, desenho de campo, entrevistas exploratórias e em pesquisa bibliográfico-documental. A releitura e análise do diário de campo (escrito entre 06/08/1997 e 14/12/1998) foi uma fonte de informação adicional para a escrita do presente texto. O diário de campo resultou de etnografia intensiva, realizada entre janeiro e agosto de 1998, e extensiva, até 1999. Mais recentemente, fizeram-se duas visitas (em junho e agosto de 2017, e em junho de 2018), para revisitação da localidade e recolha de informação etnográfica.<sup>5</sup> Foi nesta última fase de recolha de dados que se introduziu o desenho como instrumento metodológico complementar de recolha de dados, originando um trabalho colaborativo entre a antropóloga e a desenhadora,<sup>6</sup> que partilharam o terreno em simultâneo. Testemunhou-se assim que desenhar, enquanto método de pesquisa etnográfica, obriga a colocar-se estrategicamente, a fixar e a permanecer: “testemunhando não só aquilo que se observa mas a experiência do observador” (Kuschnir 2016: 10). Da concordante vontade de explorar, registar, analisar, compreender e de tornar compreensível, antropóloga e desenhadora buscam romper “barreiras entre escrita e desenho ao transformá-los

4 Os resultados desta investigação foram apresentados por Ema Pires no congresso da APA em 1999, num painel sobre “Turismo, mobilidade e consumo de lugares”, coordenado pela nossa colega antropóloga Maria Cardeira da Silva. Viriam a ser publicados pela Fundação da Juventude, instituição que, ao abrigo do Programa Nacional de Bolsas para Jovens Historiadores e Antropólogos, financiou parcialmente a pesquisa.

5 Em 2017 a revisita realizada pela antropóloga teve a duração total de quatro dias e não incluiu a presença da desenhadora/arquiteta Mafalda Salgueiro. Em 2018, a colaboração entre Ema Pires e Mafalda Salgueiro concretizou-se na sequência da participação no Curso Breve de Etnoficção, promovido em 2018 pelo CRIA-IUL, sob coordenação científica de Filipe Reis. Em Flor da Rosa, o trabalho de campo colaborativo entre etnógrafa e desenhadora materializou-se durante cinco dias de junho e consistiu na realização de entrevistas a residentes, autarcas, comerciantes e trabalhadores da pousada; observação e registo etnográficos de espaços públicos e semipúblicos e análise-interpretação de informação preliminar recolhida em campo. As notas de campo e esboços gráficos de cada autora foram posteriormente editados, já fora da (re)visita a campo.

6 Ema Pires, autora, é antropóloga. Doutora em Antropologia pelo ISCTE-IUL. Professora auxiliar no Departamento de Sociologia / Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora e investigadora integrada do Instituto de História Contemporânea. Agradece aos revisores anónimos deste artigo pelas críticas e comentários. Mafalda Salgueiro, ilustradora, é mestre em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, com formação também em pintura e ilustração pela Faculdade de Belas Artes do Porto. Atualmente a realizar uma curta-metragem de animação documental financiada pelo ICA.

num *continuum*” (Azevedo 2016: 22), o que contribui para discutir e problematizar mais amplamente os dados da etnografia. O uso do desenho em contexto etnográfico não é inédito na tradição antropológica portuguesa, como ilustrado pelos trabalhos de Fernando Galhano (1985) ou Manuel João Ramos (2010). Os traços de desenho operam modos alternativos de representação da paisagem, microlentes de compreensão do território. O desenho é, por isso, um efetivo registo complementar do quotidiano, ao registar pormenores não captados pela grafia das palavras. Argumenta-se, portanto, que a presença do desenho nesta análise é interpretativa, e não meramente ilustrativa. Os traços de desenho convidam o/a observador/a a entrar numa materialidade e espacialidade próprias. Permitem captar a microescala dos quotidianos que fogem ao olhar da etnografia “clássica”. No contexto em análise, os desenhos proporcionam ferramentas interpretativas dos processos de mediação entre as autoras e os seus informantes nos espaços de sociabilidade quotidiana. De igual modo, eles desvendam-nos, de modo visual, as falácias dos encontros turísticos (Babb 2011) entre visitantes/turistas, e residentes, que se olham mutuamente ao longe sem que verdadeiramente se encontrem.

#### FLOR DA ROSA: 2017-2018

Flor da Rosa é uma das freguesias rurais do concelho do Crato, no distrito de Portalegre. Com uma população residente de 248 pessoas, a maioria delas reformadas, a localidade é, na verdade, um arrabalde da vila do Crato, localizada a apenas dois quilómetros de distância. A estrutura urbana da localidade (figura 1) é marcada pela volumetria do mosteiro medieval que dá nome à terra. No plano turístico, a aldeia conta com três estruturas de alojamento: uma pousada, um solar e um palacete. À exceção desses edifícios, as restantes habitações são de arquitetura vernácula. Habitualmente, a vida social dos seus residentes tem lugar nos cafés e nos poiais, os bancos de pedra localizados à porta das casas, como o que se desenha de seguida (figura 2).

Nas proximidades da rua principal de Flor da Rosa, localmente chamada Carreira, havia no passado duas mercearias e uma casa de chá. Todos estes espaços fecharam na última década. A maioria dos serviços de consumo acontece no Crato. O que acentua mais, por referência há duas décadas, a condição de arrabalde periférico que a localidade tem em relação à vila do Crato, sede de concelho. A rua principal da aldeia, onde se localizam os cafés, é hoje um recanto de outras centralidades mais distantes. Nesta rua, existe ainda uma escola de olaria fechada, a necessitar de obras de remodelação, e numa rua adjacente, um pequeno equipamento de turismo, o palacete Flor da Rosa. A maioria do movimento da rua é dado pelas viaturas que circulam, quase sempre em direção a um dos poucos espaços abertos: ou a Junta de Freguesia, ou um dos dois cafés: o D. Nuno e O Recanto. Os cafés e os seus espaços

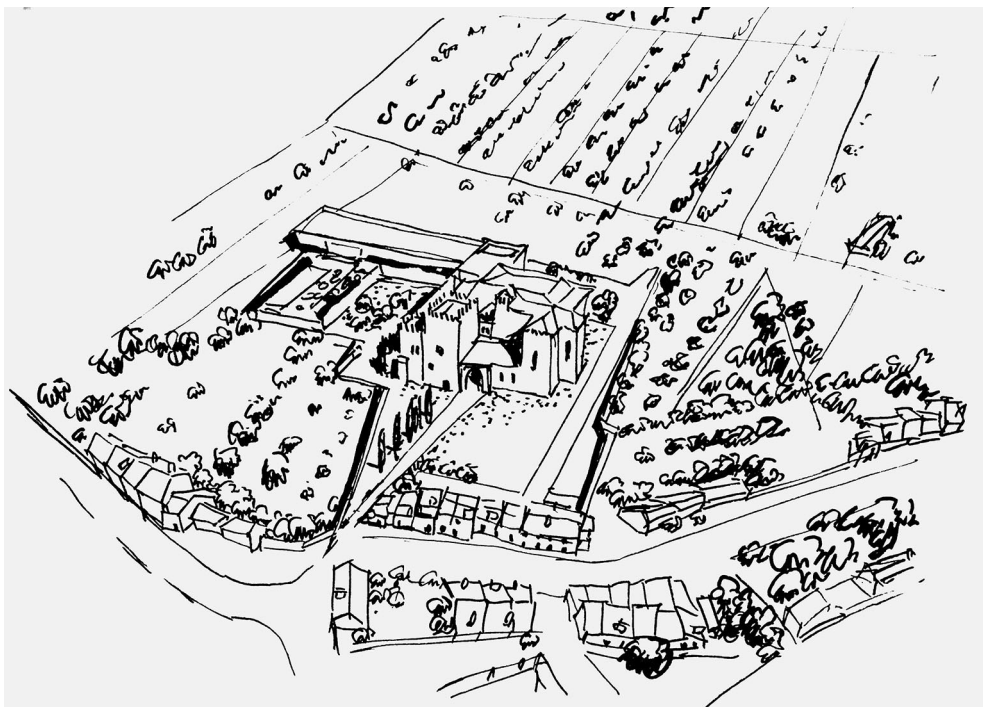


Figura 1 – Desenho de vista aérea feito a partir de fotografia disponível no site < <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/69839/> >. Fonte: © Mafalda Salgueiro.



Figura 2 – Rua de São Bento, com habitantes sentadas nos poiais e, em segundo plano, o mosteiro. Fonte: © Mafalda Salgueiro.



exteriores (figuras 3 e 4) são, não obstante, importantes lugares de sociabilidade dos residentes, em ritmos balanceados de procura do sol ou da sombra consoante a estação do ano, como nos lembra Francisco Ramos (1997).



Figura 3 – À porta do café restaurante O Recanto, os clientes permanecem sentados em cadeiras voltadas para a estrada. Fonte: © Mafalda Salgueiro.



Figura 4 – No interior do café, o proprietário conversa com um cliente. Fonte: © Mafalda Salgueiro.

Parte do movimento desta rua é dado pela deslocação de pessoas para o café-restaurant O Recanto, de Leonilde Durão. Os seus clientes habituais são habitantes do concelho, mas também recebe turistas estrangeiros e portugueses (comunicação pessoal, 11 de junho 2018). Sobre as opções alimentares dos turistas, Leonilde refere que a maioria deles “só gostam de bifes e de batatas fritas, e [...] de salmão”. No inverno vêm poucos ao seu restaurante, acorrem mais na primavera e no verão. Nesta altura, diz que “aparecem muitos estrangeiros... e gostam muito de beber um copo de vinho aqui ao sol. A semana passada apareceram alguns: pegam num copinho de vinho e vão para ali para a porta sentar-se a beber naqueles dias em que está calor.”

Leonilde anota que no início de junho (de 2018) recebeu um grupo “de americanos, que foi ali dormir à pousada, e vieram aqui comer. Mas isso já estava tudo tratado, eles tinham guia e motorista, eram dezassete americanos, eram gente reformada.”

O menu, pré-marcado pelo guia do grupo, foi diferente dos bifes do costume que os outros estrangeiros lhe pedem. Estes turistas americanos, segundo ela:

“comeram entradas (queijo, paíño, presunto, azeitonas), e depois comeram bochechas [de porco] com migas de pão, batatas fritas e salada. E comeram o doce. Não quiseram foi café. No final do jantar disseram que estava tudo *‘very good, very good!’*. Na chegada ao meu restaurante os americanos vinham com o seu copinho de vinho branco da pousada até aqui... e no fim do jantar levaram para lá o copo de vinho outra vez [risos] cheio com vinho daqui. Gostam muito de vinho!”

Na esquina da rua, uma estátua silenciosa de D. Nuno Álvares Pereira parece contemplar os passantes. A ocupação dos espaços domésticos é mensurável pela (in)existência de janelas abertas e flores nas portas. A maioria das casas aparenta estar fechada, talvez à espera de habitantes ocasionais. Há casas em remodelação, que preenchem com ruídos a paisagem sonora da rua. E há casas à venda, com placas identificativas de agências imobiliárias ou, simplesmente, com números telefónicos para contacto por eventuais compradores. Segundo alguns dos residentes, quase todas estas casas têm preços muito elevados, logo, são inacessíveis às pessoas de Flor da Rosa. Espera-se que sejam compradas por “pessoas de fora”. A oficina do oleiro Rui Heliodoro é uma das poucas casas com porta entreaberta nesta rua. Nas palavras do oleiro:

“Aqui na Carreira fechou tudo, fechou a mercearia, fecharam as padarias, fechou tudo... só estou aqui eu, o senhor do restaurante, e o senhor do outro café, mas aquele também vai fechar por motivos de saúde.” [Comunicação pessoal, 10 de junho de 2018]

Rui Heliodoro, de 49 anos de idade, é hoje o único oleiro “no ativo” em Flor da Rosa. Nasceu na aldeia e profissionalizou-se na arte da olaria depois de ter feito formação, nos anos 90. Foi formador de olaria durante anos, mas hoje a formação na área já não existe localmente, e por isso vai “tentando manobrar” a vida entre os barros que modela com esmero e a agricultura a que também se dedica. Rui confessa que aprendeu a trabalhar os barros de Flor da Rosa com os antigos oleiros, mas, ao contrário desses, que recolhiam as matérias primas nas imediações da localidade e as limpavam e misturavam com árduo trabalho, o barro com que Rui trabalha vem de uma fábrica de Porto de Mós, e já se encontra pronto a usar sem ter de ser previamente limpo, misturado e amassado. Segundo o oleiro:

“Agora no verão ainda vai havendo algum movimento, vêm os turistas. Os portugueses também vêm, também compram qualquer coisinha.’ Rui diz que se ‘ajusta ao mercado porque senão não vende’. Por exemplo, ‘as coisas tradicionais daqui [barro utilitário] continuam a ser vendidas, mas nós já fazemos muita pintura [decorativa, de cenas e paisagens campestres] e eles [os turistas] levam sempre mais desses’”.

Nas encruzilhadas da contemporaneidade, Rui Heliodoro e outros residentes gostavam que a escola de olaria voltasse a abrir e que o conhecimento fosse transmitido de novo às pessoas.

#### DE CASTELO A POUSADA (1998 E 2018)

O núcleo residencial atual tem origens medievais que remontam ao tempo da construção do mosteiro de Santa Maria de Flor da Rosa, “em meados do século XIV” (Rodrigues 1999: 25). Na década de 1990, este mosteiro foi intervencionado arquitetonicamente (um projeto do arquiteto João Luís Carrilho da Graça) e transformado em pousada. Esta mudança de usos do edifício medieval gerou a contestação de habitantes e de alguns académicos. Por exemplo, segundo o historiador Jorge Rodrigues,<sup>7</sup> “o mosteiro foi adaptado à função de pousada, com os problemas e abusos de interpretação e intervenção que tal uso sempre acarreta” (1999: 26). Rodrigues defendia que:

“um conjunto com a singularidade e a dignidade do mosteiro da Flor da Rosa deveria ser preservado por si, sem necessidade de álbis de rentabilização ou outros. [...] A adaptação de uma edificação com as características da Flor da Rosa é sempre redutora da sua fruição, cortando caminhos

7 O historiador Jorge Rodrigues é docente da Universidade Nova de Lisboa e coautor do livro *Santa Maria de Flor da Rosa* (Rodrigues e Pereira 1986).



de circulação e de leitura artística, e introduzindo alterações definitivas.” (Rodrigues 1999: 26)

Em 1998, vivi seis meses em Flor da Rosa para tentar compreender as reações dos residentes face à construção da pousada. No jargão académico da altura, o objetivo era fazer um estudo exploratório de impactos socioculturais do turismo. Compreendi então que as reações da população residente à pousada variavam entre indiferença e a rejeição passiva. A construção da pousada trouxe à população dificuldades crescentes de gestão da água nas hortas (designadas localmente “sortes”) localizadas junto à pousada; o fim do acesso social ao espaço; apesar de as pessoas reconhecerem que o nome da terra era engalanado, enaltecido, à data, sentiam-se como se habitassem na sombra do mosteiro-pousada; as situações de interação com os turistas eram (e continuam a ser) reduzidas; sobre a apropriação espacial e as obras no mosteiro, os residentes criticaram a dualidade de critérios do Estado: nas casas particulares, medidas restritivas de alteração das frontarias das suas casas, contrastavam com a permissividade em deixar-se construir um hotel dentro de um edifício medieval (Pires 2000).

No espaço social da localidade, etnografar as reações das pessoas face à nova pousada significou a construção gradual de uma rede de informantes que incluía residentes e trabalhadores da pousada. Nas páginas que se seguem colocam-se em análise alguns dos fragmentos mais representativos de relatos de informantes e do campo que foi coconstruído com eles.

### *Dona Senhorinha*

Se o edifício medieval era uma coisa engalanada para turistas em 1998, o processo de embelezar o edifício começou algumas décadas antes. Em Flor da Rosa, o mosteiro (ainda não pousada) também foi engalanado para as comemorações dos centenários de 1940. Aliás, os habitantes mais velhos tinham, em 1998, memória dos primeiros turistas que visitaram a aldeia. Senhorinha, viúva octogenária de um oleiro, lembrava-se em 1998 das primeiras mulheres que viu a vestirem calças, nos anos 40: “eram estrangeiras e vieram ver o mosteiro”. Senhorinha, que na década de 1940 era uma jovem mulher, maravilhou-se, pois nunca tinha visto mulheres “de calças como os homens” [diário de campo, 19 de maio de 1998]. Para esta anciã entrevistada há 20 anos, os turistas que visitaram a aldeia, em fluxo mais contínuo, em carros e caravanas, a partir dos anos 1980, trouxeram algum benefício à vida do seu marido, que produzia loiça utilitária em barro, tradição oleira da aldeia, pensada para consumo regional, e que na altura começou a entrar em declínio, por conta da ascensão do plástico nas práticas domésticas dos portugueses. Por graça, alguns visitantes compravam loiça aos oleiros. Em 1998, apenas um oleiro, o Sr. João Serra, ainda estava a laborar. A autarquia criou nesses anos uma escola

de olaria com o objetivo de reativar a atividade. Contudo, apenas um dos estudantes, Rui Heliodoro, acima referido, viria a estabelecer-se na profissão.

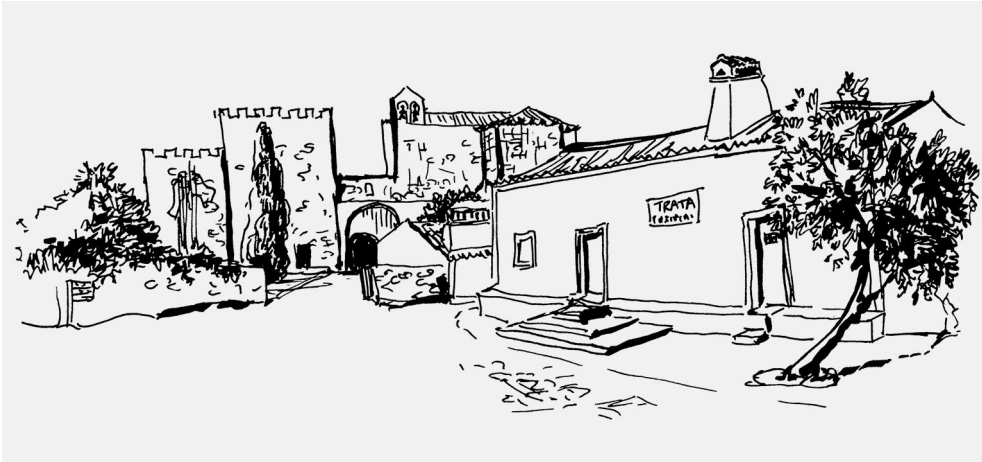


Figura 5 – Uma das casas que acelera a perspetiva para entrada do mosteiro/pousada está hoje à venda. O poial desta casa é o contexto espacial onde decorreram as interações com os jovens de Flor da Rosa, a seguir descritas. Fonte: © Mafalda Salgueiro.

### *Zé Manel*

O Zé Manuel era um dos jovens da aldeia que colaborou na pesquisa em 1997-1998. Geralmente, encontrávamo-nos ao final do dia, com outros jovens, num banco de pedra (poial) localizado quase na entrada do acesso ao jardim de entrada do mosteiro. Em 1998, Zé Manuel estudava em Nisa, no 11.º ano, no curso de Turismo da escola profissional. Frequentávamos o poial quase todas as noites de maio e junho de 1998. Os assuntos de conversa eram variados, desde a Expo 98 e as suas mediáticas imagens à discussão sobre os espaços de lazer noturno no concelho. Ele, e grande parte dos frequentadores deste poial, não foi à Expo 98, mas começou nesse verão a estagiar na pousada. No dia anterior à sua entrada no novo ofício, Zé munuiu-se de várias coisas, e deixou outras para trás, como expressam as notas de campo:

“O grande assunto da noite é a ida do Zé amanhã para a pousada, como bagageiro. Com a imagem e a postura algo modificada, Zé quis ir para casa mais cedo do que é costume e parecia inquieto e nervoso. Entrar no *jet-set* custou-lhe comprar uns pares de ‘meias boas’, cortar as pulseiras pretas, de borracha; e tirar o brinco. Vai ter, segundo ele, de começar a falar bem, ser educado com as pessoas, tentar não se atrapalhar com as malas. Espera receber boas gorjetas e não fazer erros porque quando isso acontece – diz – fica vermelho como nunca.” [Diário de campo: 156, 16 de junho de 1998]

Ao longo dos anos seguintes, Zé continuou a trabalhar na pousada, como *barman*. A marca do seu antigo brinco na orelha tornar-se-ia impercetível. Em 2018 fui informada pelos residentes que Zé Manuel já lá não trabalhava. Em julho de 2019 consegui finalmente voltar a entrar em contacto com ele. Zé Manuel continuava a residir em Flor da Rosa, mas trabalhava nas bombas de gasolina de uma vila perto da sua aldeia. Vestia uniforme listrado da empresa de combustíveis e, ainda que neste emprego lhe permitissem usar acessórios, ele não voltou a usar brinco na orelha.

### *Conceição*

A terceira pessoa que revisito aqui é a Conceição Heliodoro (São). Quando a conheci, em 1998, São era ajudante de cozinha na pousada. É a filha mais nova da minha anfitriã na aldeia, D. Ana, a viúva com quem morei durante seis meses. Casada e mãe de dois filhos, Conceição trabalhava em 1998 na cozinha da pousada. Às vezes saía do trabalho às 11 da noite, às vezes mais tarde, se houvesse grupos de turistas que chegassem muito tarde e pedissem para jantar. O marido de Conceição era agricultor; ao serão, enquanto ela trabalhava, ele ficava com os dois filhos em casa. Paulo, o filho mais velho, queria ser agricultor como o pai. Helena, a mais nova, aprendia a ler na escola em frente à casa deles, localizada na rua do mosteiro. Antes de sair para a pousada, São deixava a comida preparada para os dois filhos e o marido. A sua hora de regressar do trabalho para casa era sempre incerta. Ana, a sua mãe, tinha uma posição crítica em relação aos empregadores da filha, pelo facto de os horários de trabalho oficiais quase nunca serem cumpridos. As palavras seguintes, retiradas do diário, são disso elucidativas:

“No fim do dia, conversando com D. Ana, introduzi o tema da pousada, [...]. Disse-me que a pousada ‘é como os tempos de antigamente. Para quem lá trabalha é quase servidão.’” [Diário de campo: 74, 4 de fevereiro de 1998].

Apesar das críticas da sua mãe, Conceição, na interação comigo, nunca se queixou dos seus patrões. Valorizava como experiência muito estimulante a aprendizagem na cozinha com as colegas de outras regiões do país e com o *chef*. Hoje, Conceição já não trabalha na pousada, mas reconhece que:

“[...] foi muito importante para mim. Adorei trabalhar na pousada e foi a minha escola, portanto, foi o que me deu o pontapé de saída para eu poder dar formação: deu-me a formação contínua e ainda me foi dando hipótese de eu poder fazer formação, uns [cursos] por minha custa e outros [cursos] à custa da Enatur. Portanto, deu-me as ferramentas todas...” [Comunicação pessoal, 12 de junho de 2018].

Nos primeiros anos da década de 2000 a empresa pública que geria a pousada (Enatur) teve alterações na estrutura interna que levaram São a pedir a rescisão do seu contrato. Nas suas palavras: “Decidi sair depois da entrada da nova chefe. Negociei com a empresa a minha saída [...]. Passei a receber subsídio de desemprego.” Inscrevendo-se no centro de formação profissional de Portalegre, fez um curso de formação de formadores, e após esta formação iniciou a sua carreira como “formadora de gastronomia”. Na atualidade continua a trabalhar como formadora. A “recibos verdes”, nem sempre tem trabalho, mas vai gerindo a sua condição de precária como pode.

Em 1998, Helena, a filha mais nova de Conceição, estudava na escola primária localizada no largo do Rossio de Flor da Rosa. Ela e mais 15 crianças, sob a tutela da professora. A escola fazia parte de um projeto piloto, com ensino inovador e estratégias pedagógicas ativas, o que me possibilitou o acesso social ao mundo infantil, através de uma assembleia de turma que discutiu o tema do turismo e a transformação do castelo em pousada. Hoje Helena já não vive na freguesia: emigrou para junto do irmão, Paulo, que vive na Bélgica. Estudou tecnologias da saúde numa universidade pública de Lisboa. Emigrou durante os anos da *troika*. O seu quotidiano é passado a manusear máquinas para tratamento de doenças oncológicas. Nos finais de semana, quando a folga rotativa



Figura 6 – A permanência do poial e a impermanência do tempo. Desenho a partir de fotografia tirada em 1998. Da esquerda para a direita: Maria, Ana, Maria Lucinda, Alice, Helena e Ema. (Maria Lucinda e Alice já faleceram). Fonte: © Mafalda Salgueiro.

o permite, Helena aciona a sua condição de turista em Bruxelas e em países vizinhos da Bélgica. Usa as redes sociais para manter acesos os laços com a família no Sul de Portugal.

A escola onde Helena estudou foi fechada há anos e o largo onde ela e as amigas às vezes brincavam está agora mais vazio (figura 7). O largo era também um importante espaço de convívio dos anciãos, e uma zona de observação (deles e minha) do acesso de visitantes à pousada. O excerto seguinte, retirado do diário de campo, ilustra percepções quotidianas, à data, sobre o turismo e os desafios do turístico em Flor da Rosa. Na tarde de 17 de fevereiro de 1998, o diário regista a interação com o Tio Hilário Roque, o homem mais velho da freguesia, na altura com 91 anos, conhecido localmente por ser comunista e poeta local:

“Com o conhecimento da vida, Hilário chama ‘debotar uma cultura’ aos impactos que são provocados pelo turismo. Para ele o turismo chega a Flor da Rosa a fugir e sai a fugir (em bons carros, acrescenta). É assim com os turistas da pousada (conheceu um alemão com quem gostou de conversar); com os do palacete as coisas são um bocadinho diferentes: alguns fazem algumas compras na mercearia. Contudo Flor da Rosa nada ganha com o turismo, segundo o Tio Hilário.” [Diário de campo: 89, 3.<sup>a</sup> feira, 17 de fevereiro de 1998]



Figura 7 – Largo do Rossio de Flor da Rosa, atualmente coberto de ervas daninhas, com pequena escola ao centro. Fonte: © Mafalda Salgueiro.



## POUSADA, POIAIS E DESAFIOS DO TURÍSTICO

Reler o diário etnográfico (Pires 2000) é uma viagem retrospectiva ao horizonte temporal de 1997/1998. Vivia-se o ano de preparação para a Expo 98. O Alentejo era promovido como porta de entrada da Expo para os visitantes estrangeiros. Artigos de jornais colados no diário denotam a esperança desta feira no panorama nacional.

Ontem, como hoje, o turismo era capa de jornal a propósito da entrada de pessoas. Num recorte de imprensa de 1999, retirado do jornal português com maior circulação, o *Correio da Manhã*, escrevia-se que:

“A entrada de turistas em Portugal aumentou 10,5% em 1998, tendo atingido os 11,25 milhões. Tratou-se da taxa de crescimento mais elevada da Europa, sendo também quatro vezes superior à média mundial, de acordo com dados da Organização Mundial do Turismo (segundo a OMT) [...] Depois do bom ano de 1998, para o qual a Exposição Mundial de Lisboa deu um contributo fundamental, Portugal passou a ocupar a 15.<sup>a</sup> posição no *ranking* dos destinos mais procurados do mundo.” (“Número de turistas dispara em Portugal”, *Correio da Manhã*: 17, 18/04/1999)

*Mutatis mutandis*, duas décadas volvidas, atrair turistas continua a ser um foco central das retóricas do desenvolvimento do país. Segundo as estatísticas do turismo (INE 2019: 5), em Portugal, em 2018:

“estima-se que o número de chegadas a Portugal de turistas não residentes tenha atingido 22,8 milhões, correspondendo a um crescimento de 7,5% face a 2017. Este crescimento é menor que o estimado para o ano anterior (+16,6%). Espanha manteve-se como o principal mercado emissor de turistas internacionais (quota de 25,4%; +0,3 p.p.), tendo registado um crescimento de 8,9% em 2018 e contribuído com cerca de 30% para o acréscimo total no número de turistas chegados.”

Para além dos indicadores apresentados *supra*, quando se considera a escala de análise do território em questão, é notório que Flor da Rosa é marginal a estas dinâmicas e desafios do turismo. Como se a aldeia ficasse, passadas as promessas do passado, na sombra do futuro.

Em Flor da Rosa, os turistas continuam invisíveis na aldeia, apenas habitam o seu gueto dourado. A pousada Flor da Rosa hoje chama-se Hotel Mosteiro do Crato e foi, entretanto, concessionada pelo Estado português a um grupo empresarial privado. No sítio da Internet deste grupo, são elencadas as razões para escolher esta pousada: o facto de ser um “hotel Monumento, membro de ‘Small Luxury Hotels’”, “classificado como Monumento Nacional desde

1910”. O *site* também valoriza a possibilidade de “acesso ao Alto Alentejo” através de um restaurante “sofisticado”, e de experiências que os “clientes podem usufruir, dentro e fora do hotel”, como a “caça”, “desportos náuticos”; “Coudelaria de Alter do Chão”; “espetáculos de falcoaria, jogos de mesa”; “passeios a cavalo, pesca, *snooker* ou ténis (a 5 minutos da pousada)”.<sup>8</sup>

A pousada, ontem como hoje, é pensada como um enclave turístico no meio da aldeia, e sem relação com o território da freguesia envolvente. Como refere o texto de apresentação:

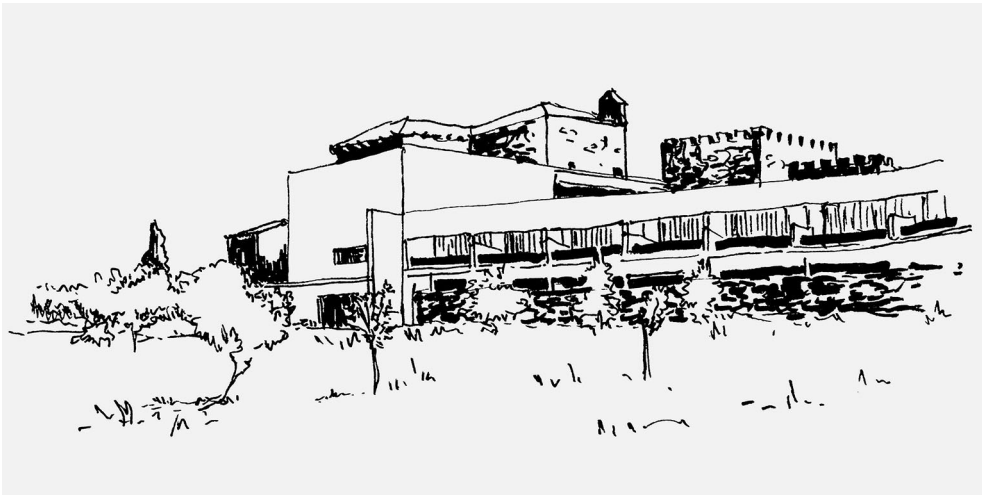
“Este *Small Luxury Hotel* foi pensado para o acolher da forma mais agradável e discreta: a sala da lareira e a sala de bilhar, cuja mesa foi projetada também pelo arquiteto Carrilho da Graça, estão à sua espera para tornar o descanso um prazer estético. A piscina com a queda de água e os jardins tranquilos e resguardados de olhares indiscretos garantem toda a privacidade à sua estadia.” (<www.pestana.com>, última consulta em junho de 2018)

No texto entregue aos visitantes na receção da pousada podemos ler que: “A partir do final do ano de 2014, a pousada passou a designar-se Pousada Mosteiro do Crato, estando integrada no conceito *Monument Hotel*” (S.A. 2018). Esta mudança de nome trouxe à população e aos seus representantes um descontentamento coletivo pela eliminação do nome da localidade na designação dada ao equipamento, apesar de reconhecerem o valor da pousada como “*ex-libris*” da aldeia (comunicação pessoal, presidente da união de freguesias, 14/06/2018).

No presente, a pousada emprega 17 pessoas (comunicação pessoal, chefe de receção da pousada, 27/06/2018), em contraponto aos 30 empregos que gerava há 20 anos. Em 1998, eram portugueses a maioria dos turistas que ali ficavam, 75% das dormidas, seguidos por alemães e britânicos (Pires 2000). Hoje, são mais diversos os públicos. Segundo a informação prestada pelo Grupo Pestana (comunicação pessoal, 30/06/2018) os hóspedes que dormiram na pousada, em junho de 2018, eram originários de Portugal (139), Holanda (58), Austrália (54), Brasil (34) e Estados Unidos da América (33), entre outras nacionalidades. Em 2018, como em 1998, a maioria dos turistas fica dentro do equipamento turístico e não interage com as pessoas da aldeia.<sup>9</sup> Uns e outros cruzam-se em momentos fugazes, ou olham-se de longe.

8 Informação disponível em <www.pestana.com> (última consulta em junho de 2018).

9 Na revisita etnográfica de 2018, considerou-se oportuno evidenciar o uso “em ação” do desenho feito ao longe, como também de dentro. Para tal, antropóloga e desenhadora deslocaram-se à pousada para a realização de uma entrevista ao rececionista principal (por ausência do diretor). A informação de que a maioria dos turistas fica dentro do equipamento turístico e não interage com as pessoas da aldeia foi recolhida tanto a partir dos habitantes de Flor da Rosa, como dos funcionários da pousada. Para a desenhadora, poder colocar-se no local de cada ponto de perspetiva é vantajoso no sentido [continua]



*Figura 8* – intervenção arquitetónica da transformação do mosteiro em pousada vista das sortes. Fonte: © Mafalda Salgueiro.

Há 20 anos, grande parte da interação entre a população da aldeia e os turistas acontecia por parte de um grupo de residentes desempregadas, mas contratadas ao abrigo de um programa ocupacional público para limpar e arrancar ervas nas ruas da aldeia. Hoje, o largo do Rossio vê a vegetação crescer livremente (figura 10). Agora, como há 20 anos, os habitantes de Flor da Rosa observam os turistas desde os seus poiais, ou, como é o caso de Sónia e da sua mãe Fátima, residentes na rua de S. Bento, também deles se aproximam dada a proximidade do estendal de roupa que instalaram junto à entrada da pousada (figura 11).

Dentro do mosteiro-pousada, a varanda a que só os turistas têm acesso também se mantém, como poial privatizado com vista sobre o espaço rural envolvente. Em toda a pousada a vista é quase restrita às sortes, e raramente virada para a povoação (figura 9).

## DISCUSSÃO: COISAS, PESSOAS, TURISMO E ANTROPOLOGIA

O repto inicial da escrita deste texto, que foi apresentado em Lisboa, em 2017, num encontro académico sobre os desafios do turístico, no CRIA/ISCTE (Portugal), instiga a articular os dados etnográficos recolhidos em 1998 e em 2018

[continuação] em que se pode compreender melhor a forma como turistas e residentes se veem ao longe. Dentro da pousada, a vista para o espaço onde os habitantes da aldeia se encontram a praticar agricultura é acessível a partir das varandas dos quartos (figura 9). Os turistas, além destas vistas, também têm a perspetiva sobre a aldeia envolvente a partir das janelas do restaurante e salões do interior da pousada. Antropóloga e desenhadora tiveram acesso ao interior dos espaços da pousada numa visita guiada pelo rececionista, em junho de 2018.



Figura 9 – vista de dentro para fora a partir de uma das varandas da longa fileira de quartos da pousada. O lazer do visitante, com vista para a lavoura dos residentes.

Fonte: © Mafalda Salgueiro.



Figura 10 – A vegetação que cresce livremente no largo do Rossio – espaço público frente à pousada. Fonte: © Mafalda Salgueiro.



Figura 11 – Apropriação dos habitantes frente ao muro da entrada do mosteiro/pousada, que estendem roupa numa corda em espaço público, e estacionam os carros à sombra das árvores pertencentes ao espaço delimitado. Fonte: © Mafalda Salgueiro.

face à escala abrangente da região. Em fidelidade à versão oral do texto que foi apresentado em 2017, apresentam-se duas questões para discussão: No Alentejo de hoje, onde estão os desafios do turístico de ontem? E no Alentejo de amanhã, onde estarão os desafios de hoje? Em Beja, um aeroporto vazio já não espera na planície transtagana por passageiros e aviões. Em Évora, por contraponto, turistas diários, transvasados de Lisboa, alguns deles vindos de cruzeiros em viagens *flash*, chegam e partem como as vagas das marés.

Na parte do Sul de Portugal onde morei em 1998, em Flor da Rosa, o território parece estar fora dos circuitos turístico-patrimoniais. Nas últimas décadas, a autarquia do Crato tem investido parte do seu orçamento na construção de um parque aquático, de um campo de futebol, e na organização de uma feira anual de artesanato e gastronomia, que, entretanto, passou também a ser um festival de verão.<sup>10</sup>

No plano regional, em 1997, o presidente da região de turismo da Serra de São Mamede, é hoje presidente da entidade regional de turismo do Alentejo e Ribatejo. A sua política tem uma dimensão fortemente dirigida, entre outras ações, para a captação de turistas internacionais através de investimento em candidaturas à UNESCO (o cante alentejano, o chocalho das Alcáçovas foram desde já algumas das candidaturas efetivadas, mas outras estão em processo). A entidade demonstra ter alguma sensibilidade para a dimensão cultural do

10 Referimo-nos em concreto ao Festival do Crato, que decorre anualmente nos últimos dias de agosto no centro da vila de Crato e é organizado pelo município. Durante os anos de 1990, o mesmo “evento” era promovido apenas como Feira de Artesanato e Gastronomia do Crato.



turismo, e tem contratado antropólogos entre os técnicos que preparam as candidaturas. Não obstante, a visão oficial da entidade de turismo sobre a cultura popular da região não se alterou muito nas últimas décadas. Parte desta turistificação recente lembra outras coisas engalanadas no Sul de Portugal; por exemplo, as que tiveram lugar durante a política do espírito, em que o turismo incipiente acompanhou um imenso exercício de propaganda do regime ditatorial português (Pires 2003) e onde as pousadas eram peças propagandísticas de um processo mais vasto para colorir a nação (Pires 2003). A observação empírica em contextos de cante alentejano (Pires e Rodrigues 2017) leva-me a inferir que existem permanências no presente, face ao regime anterior, nos modos de colorir e vestir o território. Parece-me que vivemos novos tempos de outras etnografias de regime, e que muito disso tem que ver com os desafios do turístico.

#### BALANÇO EM ABERTO

Este texto procurou discutir como os desafios do turístico se tecem na contemporaneidade do Sul de Portugal, tomando como ponto de partida um espaço residencial de uma freguesia rural do norte alentejano. Através de revisitação etnográfica, procurou-se discutir como as categorias de pessoas presentes na localidade se apropriam de dimensões alternativas de desafios do turístico nas suas subjetividades contemporâneas. Nas subjetividades contemporâneas das vidas de Conceição, Zé Manel e Helena, as continuidades e mudanças trazidas pelo turismo revelam processos inócuos ou pelo menos pouco visíveis. De todos os informantes, apenas Conceição narra a processualidade dos efeitos do turismo sobre a sua vida presente ao valorizar os conhecimentos pretéritos aprendidos na pousada na sua atividade quotidiana de formadora *freelancer*. Como referimos *supra*, o desenho é um efetivo registo complementar do quotidiano, ao registar pormenores não captados pela grafia das palavras. Na rua onde mora Conceição, as suas vizinhas octogenárias observam desde os poiais das suas casas a passagem dos turistas, em ritmos mais apressados do que os seus, e o edifício que os alberga, o seu castelo/pousada. Antropóloga e desenhadora, partilhando os poiais com os residentes, desenharam e conversaram com estas pessoas sobre esses quotidianos de interações (in)visíveis. Como expressei anteriormente, os desenhos proporcionam ferramentas interpretativas dos processos de mediação entre as autoras e seus informantes nestes espaços de sociabilidade quotidiana. De igual modo, eles desvendam, de modo visual, os (des)encontros turísticos (Babb 2011) entre visitantes e residentes, que se olham mutuamente ao longe sem que verdadeiramente se encontrem. Essa realidade foi verificada em Flor da Rosa, nos espaços públicos da aldeia, em 2018: tanto nos poiais das ruas (figura 2), quanto nos cafés da rua principal (figuras 3 e 4), e uma realidade semelhante fora também observada em 1998 (Pires

2000). Argumento que, para compreender o turístico e os seus desafios, aqui e alhures, é essencial uma perspetiva metodológica que combine etnografia continuada e diacronia. Um caminho que nos permita acompanhar o tempo lento do desenrolar dos processos sociais. É meu entendimento que a antropologia, enquanto campo que, junto com outros, estuda “o turístico” (dentro e fora da academia), há pelo menos quatro décadas, ainda está a construir o seu lugar de posicionamento epistemológico, para discutir, na esfera pública, os desafios do turismo.

Ao longo da presente revisitação etnográfica,<sup>11</sup> foquei o olhar em acompanhar continuidades e mudanças trazidas pelos efeitos do turismo na aldeia de Flor da Rosa. Manuela Ivone Cunha demonstrou que, no “caso do etnógrafo que regressa ao seu próprio contexto de estudo [...] a revisitação permite não só aprofundar a produção de dados, mas sobretudo seguir continuidades e mudanças, captar processos” (Cunha 2014: 405). Ao longo da presente análise, a revisitação do terreno realizada em Flor da Rosa (em 2017-2018) operou uma “deslocação de ênfase” (Cunha 2014: 408) no objeto teórico. Se em 1997-1998 o foco era compreender impactos turísticos (na senda da área disciplinar da antropologia do turismo que se instituía na altura), na análise de 2018<sup>12</sup> interrogam-se os processos (turísticos, patrimoniais, sociais) subjacentes aos usos dos espaços. Ainda que hoje o processo turístico seja muitas vezes abordado de um ponto de vista pós-disciplinar, defendo a abordagem disciplinar na vizinhança com os outros saberes, num terreno de reflexividade, produção de pensamento divergente, e de contranarrativas sobre as coisas engalanadas (e outras não tanto) e os seus agentes engalanadores. A antropologia do turismo é uma das disciplinas que contraria as visões dominantes, nas últimas décadas, do turismo como panaceia para todos os males das finanças do(s) país(es). Nesse repto para um pensamento divergente, é missão da academia aprender (e ensinar) a ver o avesso das “coisas engalanadas”, a olhar

11 Argumento, com Burawoy, a favor da necessidade de diferenciar entre revisitação e replicação, no sentido de advogar a favor da pertinência de colocar a revisitação (e não a replicação) no centro do trabalho etnográfico; ao fazer isso, estamos a “re-envision ethnography’s connection to social science and to the world it seeks to comprehend” (Burawoy 2003: 647).

12 Na revisita de junho de 2018 a Flor da Rosa, a escrita do texto etnográfico e a prática do desenho foram dialogando mutuamente, não só durante o trabalho de campo (no posicionamento de cada uma das observadoras perante o local e as pessoas que colaboraram com a pesquisa), mas também após a revisita. Posteriormente, a seleção dos desenhos e dos dados etnográficos a incluir no presente texto esteve dependente do contexto empírico que emergiu das interações sociais com a população, presentes nas notas de campo da antropóloga, e nos esboços da desenhadora. Muitos dos quais foram realizados em temporalidades e espacialidades simultâneas, e sob o olhar cúmplice das informantes residentes na aldeia. Esta diversidade de linguagens e olhares, aqui patente no contributo que o desenho fornece à etnografia, é fator que potencia a compreensão do contexto em análise, dado que a valorização da linguagem pictórica na abordagem que aqui prosseguimos fornece um instrumento adicional que nos permite “ver” de outro modo e valorizar as modalidades dos usos dos espaços.

os monumentos a partir de quem está na sua sombra. Por isso, apesar de reconhecer a validade epistemológica das abordagens pós-disciplinares, o meu argumento é, não obstante, em prol de uma antropologia feita de modo lento, processual e artesanal.

### POST SCRIPTUM

A minha aprendizagem de antropologia do turismo é tributária da amizade (académica e pessoal) desenvolvida ao longo de duas décadas, com o antropólogo e professor emérito Francisco Martins Ramos, no Departamento de Sociologia da Universidade de Évora. Francisco Martins Ramos (1943-2017) foi um dos autores pioneiros nos estudos de Antropologia do Turismo em Portugal, a que se dedicou a partir do seu trabalho de doutoramento (Ramos 1997), com etnografia prolongada realizada em Monsaraz (Alentejo). Na década de 1990, quando os desafios do turístico eram uma promessa de futuro para a região, Francisco Ramos perspetivava esses processos de um modo simultaneamente crítico e empático (Ramos 1996). Ao longo das décadas seguintes, ensinou Antropologia do Turismo na Universidade de Évora e investigou a temática na região. No verão de 2017, Francisco Ramos preparava uma uma revisitação etnográfica de Monsaraz, que não viria a concretizar. Ainda que a título póstumo, este trabalho é-lhe dedicado.

### BIBLIOGRAFIA

- AZEVEDO, Aina, 2016, “Desenho e antropologia: recuperação histórica e momento atual”, *Cadernos de Arte e Antropologia*, 5 (2): 15-32, disponível em < <http://journals.openedition.org/cadern-osaa/1096> > (última consulta em fevereiro de 2021).
- BABB, Florence E., 2011, *The Tourism Encounter: Fashioning Latin American Nations and Histories*. Stanford, Stanford University Press.
- BURAWOY, Michael, 2003, “Revisits: an outline of a theory of reflexive ethnography”, *American Sociological Review* (Berkeley, University of California), 68: 645-679.
- CORREIO DA MANHÃ, 1999, “Número de turistas dispara em Portugal”. Lisboa, XX (3521): 7.
- CUNHA, Manuela Ivone, 2014, “Linhas de redefinição de um objeto: entre transformações no terreno e transformações na antropologia”, *Etnográfica*, 18 (2): 403-413.
- FIRTH, Raymond, 1936, *We, the Tikopia*. Londres, George Allen and Unwin.
- FIRTH, Raymond, 1959, *Social Change in Tikopia*. Londres, George Allen and Unwin.
- FOSTER, George, Thayer SCUDDER, Elizabeth COLSON, e Robert KEMPER, 1979, *Long-Term Field Research in Social Anthropology*. Nova Iorque, Academic.

- FREEMAN, Derek, 1983, *Margaret Mead and Samoa: The Making and Unmaking of an Anthropological Myth*. Cambridge, MA, Harvard University Press.
- GALHANO, Fernando, 1985, *Desenho Etnográfico*, vol 1: *Portugal*. Lisboa, Museu Nacional de Etnologia / Instituto de Investigação Científica e Tropical.
- INE – Instituto Nacional de Estatística, 2019, *Estatísticas do Turismo 2018*. Lisboa, INE.
- INGOLD, Tim, 2012, “Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais”, *Horizontes Antropológicos* (Porto Alegre), 18 (37): 25-44, disponível em < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832012000100002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832012000100002&lng=en&nrm=iso) > (última consulta em fevereiro de 2021).
- KUSCHNIR, Karina, 2016, “A antropologia pelo desenho: experiências visuais e etnográficas”, *Cadernos de Arte e Antropologia*, 5 (2): 5-13, disponível em < <http://journals.openedition.org/cadernosaa/1095> > (última consulta em fevereiro de 2021).
- LAWRENCE, Denise, 1979, *Festas: Cooperation in Rural Southern Portugal*. Riverside, University of California, tese de doutoramento em Antropologia.
- LYND, Robert S., e Helen M. LYND, 1929, *Middletown: A Study in Modern American Culture*. Nova Iorque, Harcourt, Brace and World.
- LYND, Robert S., e Helen M. LYND, 1937, *Middletown in Transition: A Study in Cultural Conflicts*. Nova Iorque, Harcourt, Brace and World.
- MATA, Simão, e Luís FERNANDES, 2018, “Questões metodológicas de uma revisitação etnográfica a territórios psicotrópicos do Porto”, *Etnográfica*, 22 (2): 311-333, disponível em < <http://journals.openedition.org/etnografica/5443> > (última consulta em fevereiro de 2021).
- PIRES, Ema, 2000, “De arrabalde a destino turístico: o impacto sociocultural do turismo em Flor da Rosa (Crato)”, em M. Geraldês (org.), *Programa Nacional de Bolsas de Investigação para Jovens Historiadores e Antropólogos*. Porto, Fundação da Juventude, 96-165.
- PIRES, Ema, 2003, *O Baile do Turismo: Turismo e Propaganda no Estado Novo*. Lisboa, Caleidoscópio.
- PIRES, Ema, e Daniel RODRIGUES, 2017, “Montras panorâmicas: práticas culturais e usos do espaço em repertórios de cante alentejano”, em Rosário Pestana e Luísa Tiago de Oliveira (orgs.), *Cantar no Alentejo: a Terra, o Passado e o Presente*. Estremoz e Lisboa, Estremoz Editora, 41-58.
- PRISTA, Pedro, 1993, *Sítios de Querença – Morfologias e Processos Sociais no Alto Barrocal Algarvio*. Lisboa, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, tese de doutoramento em Antropologia.
- PRISTA, Pedro, 2014, *Terra Palha Cal: Ensaios de Antropologia sobre Materiais de Construção Vernacular em Portugal*. Lisboa, Argumentum.
- RAMOS, Francisco Martins, 1996, *Textos Antropológicos*. Monsaraz, ADIM.
- RAMOS, Francisco Martins, 1997, *Os Proprietários da Sombra: Vila Velha Revisitada*. Lisboa, Universidade Aberta.
- RAMOS, Manuel João, 2010, *Histórias Etiópes*. Lisboa, Tinta da China.
- RODRIGUES, Jorge, 1999, “O mosteiro de Santa Maria de Flor da Rosa: discussão de uma intervenção”, em *Pedra e Cal 03, Património e Economia*, 25-26, disponível em < [https://issuu.com/gecorpa/docs/p\\_c03/28](https://issuu.com/gecorpa/docs/p_c03/28) > (última consulta em fevereiro de 2021).
- RODRIGUES, Jorge, e Paulo PEREIRA, 1986, *Santa Maria de Flor da Rosa: Um Estudo de História de Arte*. Crato, Câmara Municipal do Crato.
- S. A., 2018, *Pousada Mosteiro Crato – Monument Hotel*, disponível em < <https://www.pousada.s.pt/pt/hotel/pousada-crato> > (última consulta em agosto de 2018).

- SAMPAIO, Sofia, 2013, “Estudar o turismo hoje: para uma revisão crítica dos estudos de turismo”, *Etnográfica*, 17 (1): 167-182, disponível em <<http://journals.openedition.org/etnografica/2615>> (última consulta em fevereiro de 2021).
- SILVA, Maria Cardeira da (org.), 2004, *Outros Trópicos: Novos Destinos Turísticos, Novos Terrenos da Antropologia*. Lisboa, Livros Horizonte.
- SOUSA, Carla, 2005, *Alte: Elites Locais e Recriação Identitária Numa Aldeia Algarvia*. Lisboa, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, tese de doutoramento em Antropologia.
- WATEAU, Fabienne, 2014, *Querem Fazer Um Mar...: Ensaio sobre a Barragem de Alqueva e a Aldeia Submersa da Luz*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

---

Receção da versão original / Original version	2018/07/20
Receção da versão revista / Revised version	2019/12/09
Aceitação / Accepted	2020/09/03